

# Brinquedo Fascinante, Arma Perigosa

*Uma invenção que encerra  
princípios complexos de aerodinâmica*

Dal Stivens

HÁ TRÊS ANOS, quando a Rainha Elizabeth e o Duque de Edimburgo visitaram a Austrália, os dois presenciaram um espetáculo que pelo seu puro virtuosismo tinha um caráter quase sobrenatural. O artista foi Joe Timbery, um homem atarracado, de pele escura, descendente de aborígenes. O instrumento com que o indígena encantou a assistência foi aquele símbolo bem conhecido da Austrália—o bumerangue. Usando uma arma de 75 centímetros, Timbery arremessava-a de modo a partir da altura do seu peito, percorrendo mais de 35 metros, de repente subindo mais de 30 metros no ar, revolteando num largo arco e, rodopiando, voltar ao seu lançador, enquanto perdia altura rapidamente. À medida que o bastão, girando, se aproximava do homem, sua velocidade diminuía de maneira abrupta,

depois parava acima dêle, com as pás a rodar lentamente. Timbery, que se atirava no chão, soerguia-se um pouco e apanhava-o àgilmente com os pés descalços.

A perícia de Timbery no manejo de uma das mais antigas armas do homem (o bumerangue já era usado no Egito antigo) não é coisa rara na Austrália. Nas partes remotas do norte do país os aborígenes ainda utilizam diariamente o bumerangue, não só como arma de caça, mas também como brinquedo.

Eu tenho assistido a eletrizantes certames entre aqueles homens nus, côm de chocolate, mestres na ar-



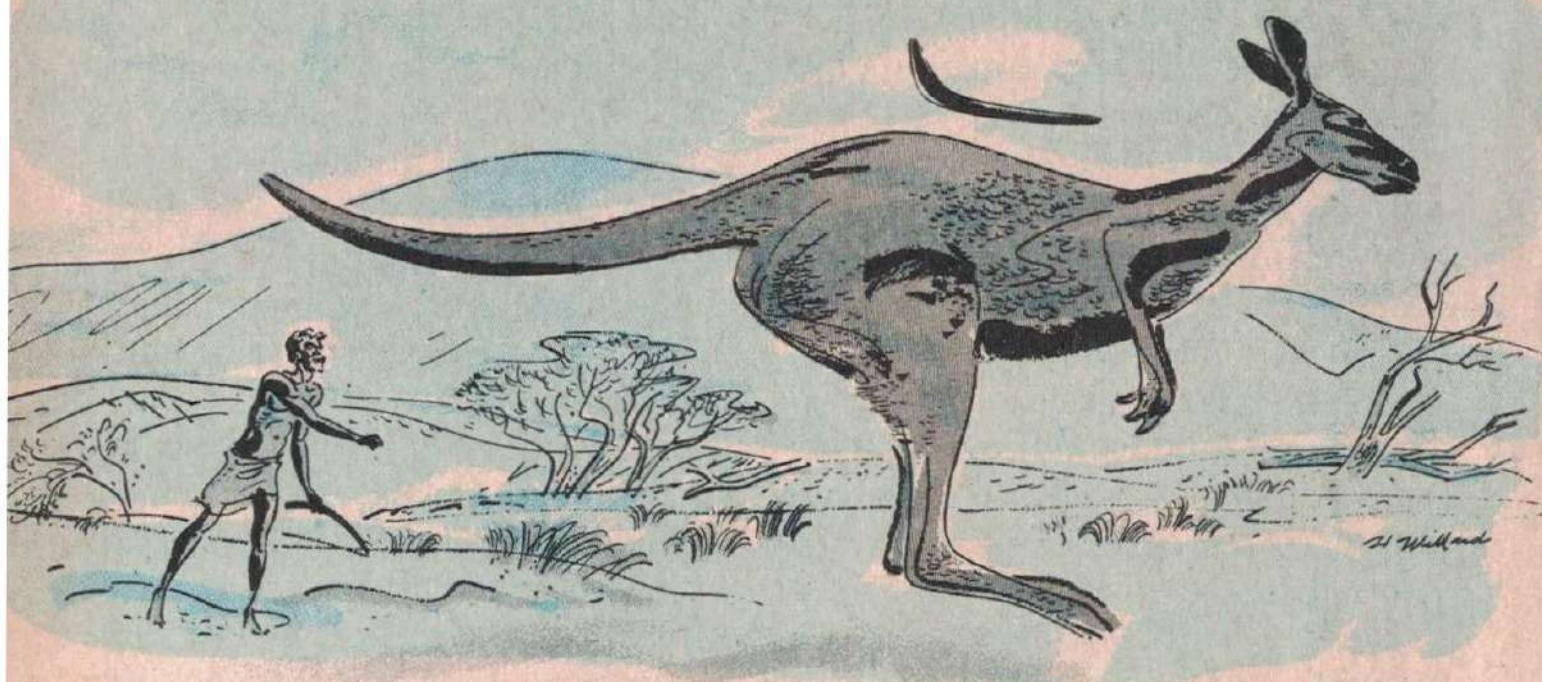
te do arremêso. Êles podem fazer o bumerangue subir até 45 m quando no tôpo do seu arco, depois, na volta, atirar-se vertiginosamente num caprichoso movimento de vaivém à frente de quem o arremessou, como uma colossal borboleta a adejar de flor em flor. Ou podem fazê-lo subir librando-se num vôo semelhante ao do falcão. Na metade do caminho de volta, o bumerangue se firma no ar, e ainda rodopiando com rapidez, vai caindo vagarosamente até quase atingir o solo. Então êle se vira e volta com tôda a velocidade para o lançador. Tenho visto arremessos de ricochete, onde o bumerangue bate no chão a uns 45m de distância, salta para o ar, depois gira e retorna. E arremessos de mergulho—o bumerangue com feitio de gaivota, caracola a boa altura no céu, vem deslizando até chegar a alguns centímetros do solo, em seguida sobe planando até cair na mão do arremessador.

Em certames de distância os aborígenes mandam seus bumerangues ao redor de uma árvore a 120 e até 130 metros—quase o alcance máximo da arma. Nesses lançamentos o bumerangue gira tão rápido que parece um disco a girar, visto de perfil. A uma altura de seis metros êle rodopia em tôrno da árvore numa larga curva, depois vai para trás, ganhando velocidade e zunindo como um gigantesco pião. Pousa junto aos pés do arremessador com tal fôrça que as pás se enterram 15 centímetros no chão—coisa enervante para quem não está habituado a vê-la.

Os bumerangues usados pelos aborígenes para executar essas façanhas variam de 46 cms a um metro de comprimento. O ângulo entre os braços varia de 90 a 120 graus . . . e na forma esta antiga arma se parece fantásticamente com as asas em flecha de um avião a jacto.

Examinando-se um bumerangue, nota-se que um braço é vários centímetros mais longo do que o outro (embora ambos tenham o mesmo pêso). Um lado é plano e o outro arredondado ou arqueado. Há igualmente uma ligeira obliquidade nas pás, como a de uma hélice. É essa obliquidade que faz o bumerangue subir para o ar. A forma arqueada dos braços, como a da asa de um aeroplano, cria “sustentação”; mas como o bumerangue deixa a mão do arremessador numa posição vertical, a “sustentação” o impele para um lado numa trajetória curva que o leva de volta para o lançador.

Como foi que êsse povo primitivo deu com uma invenção que encerra princípios tão complexos de aerodinâmica? É quase certo que êle representa a evolução de uma arma anterior, o bastão de arremêso recurvo, ou bumerangue de caça. Mais comprido e mais pesado, e plano nos dois lados, êste bastão de arremêso se desvia no seu curso mas não volta. Arrojado contra um peixe na superfície da água ou uma caça do chão, êle voa veloz e baixo, enquanto que suas pesadas pás giram com rapidez. Eu o vi chegar até uma distância de 230 metros e também o vi pôr fora de



combate três cangurus em um único arremêso. Um bastão de arrôjo ainda mais pesado—o bumerangue de guerra, que chega a ter metro e meio de comprimento—é lançado com ambos os braços, e pode fazer um vasto estrago de membros partidos e crânios arreventados.

As grandes proezas com o bumerangue de retorno exigem extraordinária perícia, e um grande manejador gasta tanto tempo em treinar como um músico. Desde a época em que um aborígenezinho começa a andar, começa a ser treinado no uso da arma. O pai faz-lhe um bumerangue de brinquedo que êle logo aprende a arrojar mudando perigosamente de direção sôbre um acampamento de rústicos abrigos feitos de galhos. Depois de o menino adquirir certa habilidade, brincará com os outros guris e com gente de mais idade, não só o atirando, mas também aprendendo a

esquivar-se do curso exêntricamente curvo da arma. Êle não tarda a tornar-se hábil no manejo do bumerangue de brinquedo; eu vi um petiz de oito anos matar uma cacatua num ramo a mais de 25 m de distância.

Só depois que chega à idade viril é que o indígena tem licença de possuir um bumerangue de verdade. Guiado pela experiência e a vigilância de uma pessoa mais velha, êle escolhe um bom galho numa árvore nativa como uma acácia, corta-o com um machado de pedra e cuidadosamente o desbasta. Depois de tratá-lo pelo vapor numa fogueira fumarenta, até torná-lo flexível, dá-lhe a torção que quer. O processo inteiro consome horas, que se estendem por semanas. E agora, que o século XX está chegando aos rincões mais remotos da Austrália, os aborígenes começaram recentemente a matar peixes na superfície com bumerangues

de caça feitos de ferro galvanizado!)

O jovem guerreiro usa o bumerangue principalmente na caça de aves. Arremessada no meio de um bando de patos selvagens, cacatuas ou pombos que levantam vôo, a arma parte para o alto debaixo das aves estridentes. Em vão elas tentam evitar a morte que as envolve no seu remoinho e que parece segui-las como uma coisa viva, maligna. Uma vez contei quatro aves que se despenhavam vertiginosas numa nuvem de penas brancas depois de um único tiro desta arma assombrosa.

Algumas vêzes os caçadores pretos estendem uma rêde de plantas trepadeiras através da superfície de um curso de água. Então, quando um bando de patos bravos levanta vôo da corrente, o indígena arroja um bumerangue para o alto, acima dêles, imitando ao mesmo tempo o grito do gavião. Enganadas pelo vôo de mergulho do bumerangue, as espavoridas aves pousam na água e se emaranham na rêde.

A arte de lançar o bumerangue tem conquistado leais devotos entre outros australianos. Entre êstes conta-se Frank Donnellan, um impressor de Sydney, que foi ensinado pelos aborígenes quando criança. O

seu maior arremêso foi em volta de um poste situado a 145 metros, voltando daí o bastão até junto de seus pés.

Últimamente Donnellan vem experimentando fazer bumerangues de vários materiais, e há pouco fabricou um de matéria plástica que pode ser produzido em grande escala. Tem vendido bumerangues em muitos países e seu sonho é ver o arremêso do bumerangue aceito como esporte no mundo inteiro. Porque o vôo de um bumerangue bem atirado é uma coisa empolgante, com a sua libração no ar e o seu mergulho semelhante ao de um falcão, e a simples contemplação dêsse espetáculo basta para fazer cócegas nos músculos duma pessoa.

Uma vez, viajando sob o impulso do seu *hobby*, Donnellan visitou numerosos colégios, fazendo demonstrações e distribuindo bumerangues. Em certo colégio o diretor, claramente indiferente à idéia, disse-lhe que os rapazes já tinham esportes bastantes. Apesar disso, ao partir, Donnellan deixou lá uns poucos bumerangues. Visitando o estabelecimento alguns dias depois, reparou numa janela quebrada. Fôra o diretor que a quebrara . . . com um bumerangue.



MULHER a uma amiga numa reunião elegante:—Meu bem, não sei se vou para casa dormir e tomo um seconal ou se tomo uma benzedrina e fico aqui com a turma.

—J. B.